



CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS EM CIDADES DO AGRONEGÓCIO: UM ESTUDO SOBRE O URBANO JATAIENSE.

Natalli Adriane Rodrigues Souza ¹
Maria José Rodrigues ²

RESUMO

Segundo Souza (2019), as cidades do agronegócio possuem como característica a presença de inúmeras contradições e conflitos, os quais impactam diretamente sua organização socioespacial e assim, a vida de seus cidadãos. Ao tratar a respeito das problemáticas que são encontradas sobre o ambiente dessas cidades Elias e Pequeno (2007), indicam que as contradições e conflitos se tornam ainda mais evidentes nas cidades do agronegócio já que estas são o polo máximo da concentração e fluxo de capital financeiro, o que acaba por intensificar diversos problemas sociais. Frente a esse entendimento, o que se buscou para esse estudo foi compreender e investigar essas contradições à luz da análise da paisagem e de dados socioeconômicos de uma cidade do agronegócio: Jataí-GO. Nesse sentido, para isso foi necessário fazer um levantamento dos dados socioeconômicos do município de Jataí-GO junto a prefeitura, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e ao Instituto Mauro Borges (IMB), os quais deram possibilidades para a realização da investigação proposta. Com esse estudo, foi possível identificar a presença dessas contradições as quais fazem de Jataí uma cidade extremamente segregada e heterogênea. Tal heterogeneidade é observada quando se analisa e compara o padrão construtivo, valor do solo urbano, diferenças de implementações públicas entre bairros da população de alta e baixa renda. Tais elementos contribuem para que os índices de vulnerabilidade nos bairros mais carentes se intensifiquem e o direito de seus moradores sejam negligenciados. Assim, é importante que medidas sejam adotadas para mitigar tal problemática.

Palavras-chave: Cidades do agronegócio, Contradições socioespaciais, Espaço urbano, Problemas urbanos, Jataí-GO.

ABSTRACT

According to Souza (2019), agribusiness cities are characterized by the presence of countless contradictions and conflicts, which directly impact their socio-spatial organization and, thus, the lives of their citizens. When dealing with the problems found in the environment of these cities, Elias and Pequeno (2007) indicate that contradictions and conflicts become even more evident in agribusiness cities, since these are the maximum hub for the concentration and flow of financial capital. . . , which ends up intensifying several social problems. Given this understanding, what we seek for this study is to understand and investigate these contradictions in light of landscape analysis and socioeconomic data from an agribusiness city: Jataí-GO. In this sense, for this it was necessary to carry out a survey of socioeconomic data in the municipality of Jataí-GO with the city hall, the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and the Mauro Borges Institute (IMB), which provided possibilities for implementing the proposed investigation. With this study it was possible to identify the presence of these contradictions that make

¹ Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí - UFJ, nattjti@gmail.com ;

² Professor orientador- Doutora em Geografia/ Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal de Jataí-UFJ, mariarodrigues@ufj.edu.br.

* Trabalho desenvolvido a partir dos estudos e discussões realizadas durante o processo de escrita da tese.

Jataí is an extremely segregated and heterogeneous city. Such heterogeneity is observed when analyzing and comparing the construction pattern, value of urban land, differences in public implementations between neighborhoods of the high and low income population. Such elements contribute to the intensification of vulnerability rates in the poorest neighborhoods and to the disrespect of the rights of their residents. Therefore, it is important that measures are taken to mitigate this problem.

Keywords: Agribusiness cities, Socio-spatial contradictions, Urban space, Urban problems, Jataí-GO.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, quando falamos em agronegócio vem as nossas mentes a imagem de um espaço rural moderno, mecanizado, altamente produtivo e lucrativo. E de fato, muitas das propriedades rurais do território brasileiro, goiano e jataiense exibem esta configuração, estando atrelados ao mercado externo e as demandas do sistema capitalista.

Entretanto, esse campo nem sempre fora assim: ocorreram muitas mudanças tanto do ponto de vista político quanto econômico e até mesmo urbano para que as atividades desenvolvidas neste espaço passassem a serem associadas a agricultura capitalista (FIORAVANTI, 2022).

Pensando acerca destas mudanças e de seus impactos sobre a nova configuração assumida pela zona rural no contexto do capitalismo, é importante considerar o papel do espaço urbano frente a essas alterações, haja vista o fato de muitas cidades terem se reestruturado a fim de atender as necessidades do campo.

Essas cidades, conhecidas como “cidades do agronegócio”, contribuíram de modo efetivo para que ocorresse esta adaptação do espaço rural, se reestruturando de modo a atender suas demandas, contribuir com sua produtividade, proporcionar sua integração regional, nacional e até mesmo mundial e lucratividade. Nesta perspectiva, estas cidades se reestruturaram e atuaram como suporte para o desenvolvimento e sucesso das atividades desenvolvidas no campo.

Tal reestruturação, refletiu em impactos positivos do ponto de vista econômico, mas também em negativos, ao considerarmos as questões sociais envolvidas neste processo. Segundo Elias (2022), esta reestruturação urbana refletiu no crescimento do espaço urbano, o qual não foi acompanhado da implementação de infraestruturas públicas adequadas e serviços básicos para a manutenção da qualidade de vida da população. Além disso, a segregação socioespacial e a especulação imobiliária no espaço urbano se tornaram mais latentes, distanciando ainda mais grupos sociais distintos, como pode ser identificado na cidade de Jataí-



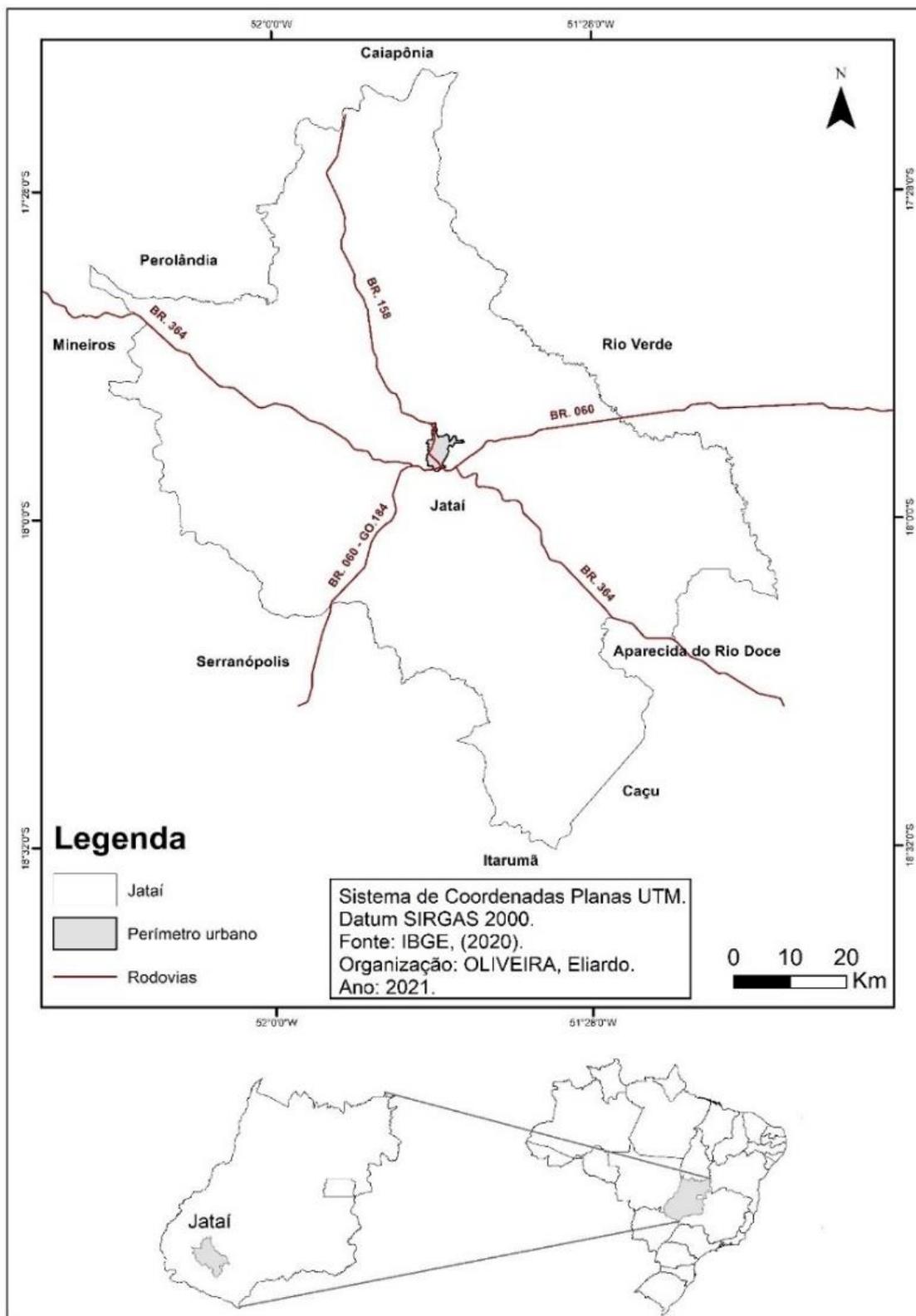
Deste modo, a temática “cidade do agronegócio e suas contradições” se tornou ponto de debate em diferentes trabalhos científicos (Elias, 2021; Frederico e Buhler, 2015; Gomes, 2018; Souza, 2019; Pequeno e Elias, 2020.), haja vista o fato de se configurarem enquanto espaços com grande circulação de capital e, extrema concentração de renda, contrariando o discurso vinculado a essas, o qual enfatiza que as mesmas possuem baixos índices de pobreza, alta disponibilidade de empregos formais e oportunidades de se empreender e mudar de vida.

Partindo desse pressuposto, é de interesse desta pesquisa estudar o município de Jataí, o qual se destaca por sua produção agrícola, se caracterizando enquanto uma cidade do agronegócio. Deste modo, o objetivo deste trabalho é identificar e pontuar algumas das contradições socioespaciais presentes no espaço urbano jataiense. Essa identificação e espacialização nos permitirão pensar em estratégias que viabilizem a construção de um urbano menos desigual e segregador.

METODOLOGIA

Jataí é um município localizado no sudoeste do estado de Goiás (Mapa 1), tendo se destacado nos últimos anos por sua produção agrícola. Tal produção está intrinsecamente vinculada a modernização do campo e a reestruturação de Jataí a fim de atender as demandas e necessidades do campo, tornando a mesma, uma cidade do agronegócio, a qual é marcada por um grande fluxo de capital e riquezas, mas também por muitos conflitos e contradições vinculados a má distribuição de renda.

Mapa 1- Jataí (GO): Localização.



Fonte: IBGE, 2020. Organização: Oliveira, 2021.

Nisto, é importante entender e identificar as contradições que existem dentro do espaço urbano jataiense a fim de se pensar em medidas que reduzam essas problemáticas. Por isso,



para a realização deste estudo, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico tomando como referência o estudo das temáticas: espaço urbano, cidades do agronegócio e problemas urbanos, tomando como referência pesquisas desenvolvidas por autores como: Pequeno e Elias (2020), Oliveira (2021), Silva (2009), entre outros, os quais subsidiaram as discussões da presente pesquisa.

Em seguida, foram coletados dados socioeconômicos e espaciais junto à prefeitura local, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Mauro Borges (IMB). O levantamento dessas informações possibilitou a construção de quadros, tabelas, gráficos e mapas os quais possibilitaram a análise das informações coletadas tendo em vista a busca pela identificação e compreensão dessas contradições socioespaciais.

Quanto à produção do material cartográfico, cabe ressaltar que foi utilizado o software ArcGis 10.1 licenciado pelo laboratório de geoinformação da Universidade Federal de Jataí, além de imagens disponibilizadas pelo Google Earth. Essas informações aliadas a realização de uma análise da paisagem local deram subsídios para a realização da discussão da presente pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O termo “agronegócio” está presente nas mais variadas instâncias da sociedade, sendo abordado em diversos meios de comunicação, como nos jornais, redes sociais, televisão, e até mesmo em propagandas, revistas, músicas sertanejas, no ambiente escolar e universitário, entre outros. O fato é que este termo nunca esteve tão famoso e atado a questões políticas, econômicas, culturais, sociais, ideológicas, entre outros.

De acordo com Heredia, Palmeira e Leite (2010), esse termo passou a ganhar mais destaque e a ser empregado para fazer referência as atividades desenvolvidas no campo a partir de meados da década de 1970. Foi a partir deste momento que o campo, em função da adoção de políticas de incentivo para sua modernização, passou a adotar um modo de produção voltada a atender as demandas do capitalismo ou, como diria Fioravanti (2018), assumindo um modelo de agricultura capitalista.

Considerando o papel do governo federal frente a promoção desses pacotes para o desenvolvimento do campo, estudiosos como Martins (2014), Silva (2011) e Silva (2016), citam que o município de Jataí (o objeto desse estudo), foi beneficiado pelo Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), o qual foi decisivo para a inserção de Jataí no modelo de produção da agricultura capitalista.



Ainda tratando a respeito desse assunto, Fioravanti (2018), destaca que;

O que denominamos de agricultura capitalista é chamado no senso comum e em alguns estudos acadêmicos, de “agronegócio”. Trata-se de uma agricultura que produz mercadorias (sobretudo commodities), para serem vendidas principalmente no mercado mundial, e que tem como objetivo primordial a acumulação (FIORAVANTI, 2018, p. 28).

Melo (2003), faz uma análise do papel dos incentivos governamentais diante da inserção de Jataí na agricultura capitalista, destacando que;

Jataí (GO) recebeu equipamentos técnicos, econômicos e sociais que no decorrer do tempo foram ampliados, de forma a possibilitar uma dinâmica de fluidez de informações, mercadorias, serviços e capital que a economia agrícola moderna necessita (MELO, 2003, p. 109).

Como resultado dos grandes investimentos estatais, o campo se tornou um espaço voltado a atender o mercado capitalista mundial, passando a produzir em grande escala produtos como soja, milho, aves e carne bovina, principalmente voltados a atender o mercado externo.

No entanto, a modernização do campo não foi igual em todos os espaços, haja vista que os próprios incentivos por parte do não foram oferecidos de maneira igualitária a todos os agricultores, sendo os maiores beneficiários desses incentivos os grandes e médios proprietários de terras.

Tal ocorrência culminou na criação de espaços heterogêneos no próprio campo, refletindo na presença de latifúndios extremamente tecnificados e, ao mesmo tempo, na presença de pequenas propriedades ruralizadas e atrasadas do ponto de vista tecnológico que foram e são cotidianamente suprimidas pelo poder dos grandes proprietários rurais, como nos faz pensar Castillo et al (2016);

Tais características, no entanto, não resultam em espaços homogêneos. Ao contrário, a fragmentação geográfica, a desigualdade socioespacial e a diversidade de situações são uma constante no processo de regionalização do agronegócio globalizado. A fragmentação do espaço agrícola decorre da seletividade dos investimentos produtivos e das ações do Estado na implantação de infraestruturas; também é da esfera da fragmentação territorial a predominância das relações verticais que articulam as RPAs com os mercados internacionais, através dos agentes da distribuição, em detrimento de relações horizontais com os espaços adjacentes e com o território nacional (CASTILLO ET AL, 2016, p. 269- 270).

Atrelado as mudanças ocorridas sobre o espaço rural, as cidades no entorno dessas localidades que passaram por esse processo de modernização também foram atravessadas por mudanças tendo em vista se tornarem mantenedoras das atividades realizadas no meio rural.

Se fez necessário o desenvolvimento do urbano e a especialização de sua rede de serviços tendo em vista garantir a produtividade e modernidade do meio rural. Podemos dizer que no contexto da agricultura capitalista as cidades foram essenciais no que diz respeito a manutenção das atividades e necessidades do campo.

Nisto, ocorreu uma espécie de reestruturação urbana, a qual perpassou a adequação do meio urbano em função das novas demandas do meio rural, conforme discutido por Elias (2011);

Tais demandas incrementam o crescimento de uma série de atividades comerciais e de serviços especializados. Dessa forma, a difusão do agronegócio não apenas amplia e reorganiza a produção material (agropecuária e industrial), como é determinante para a expansão quantitativa e qualitativa do comércio e dos serviços, especialmente dos ramos associados ao circuito superior da economia agrária. O crescimento do terciário se deve ainda ao crescimento da população e à revolução do consumo, este último erigido sob os auspícios do consumo de massa associado à existência individual e das famílias. Assim, a produção agrícola e agroindustrial intensiva exige que os espaços urbanos próximos ao espaço agrícola racionalizado se adaptem para atender às suas principais demandas, em virtude de fornecerem parte dos aportes técnicos, financeiros, jurídicos, de mão de obra e de todos os demais produtos e serviços necessários à sua realização. Nesse âmbito, citaria as casas de comércio de implementos agrícolas, sementes, grãos e fertilizantes; os escritórios de marketing e de consultoria contábil; os centros de pesquisa biotecnológica; as empresas de assistência técnica e de transportes de cargas; os serviços de especialista em engenharia genética, veterinária, administração, meteorologia, agronomia, economia, administração pública; os cursos técnicos de nível médio e os cursos superiores voltados ao agronegócio, entre tantas outras atividades (ELIAS, 2011, p. 159).

Tal reestruturação garantiu a essas cidades o título de “cidade do agronegócio”, como é o caso de Rio Verde (GO), Cristalina (GO), Primavera do Leste (MT), Chapadão do Sul (MS), Sorriso (MT), Ponta Porã (MS), Barreiras (BA), Querência (MT), Balsas (MA), Sinop (MT), Gaúcha do Norte (MT), Jataí (GO) -o objeto deste estudo, entre outras.

As cidades do agronegócio se constituem, nesta perspectiva, enquanto centralidades regionais que atendem as demandas do campo e ao mesmo tempo do mercado capitalista, sendo designadas por Elias (2022), enquanto Regiões Produtivas do Agronegócio (RPAs), as quais se especializam e se tecnificam de modo a se inserirem de modo cada vez mais efetivo dentro do mercado internacional.

Cidades/municípios que se enquadram nesse contexto tem como característica a presença de grandes extensões de terras- latifúndios- agricultáveis, sendo o campo extremamente moderno no que diz respeito ao uso de equipamentos e insumos agrícolas. As mesmas destacam-se por possuírem um setor de serviços avançado visando garantir os altos índices de produtividade do campo (SILVA, 2009; ELIAS, 2022).



Essas cidades possuem uma presença marcante de lojas especializadas em produtos agrícolas, placas com propagandas de grupos empresariais do agro, lavouras demarcadas por placas identificando as variedades do que está sendo plantado, silos para estocagem de grãos, entre outros (FIORAVANTI, 2018).

Nisto, as cidades do agronegócio são centralidades importantes tendo em vista suprir e atender as necessidades e demandas do campo. Estas cidades, ao se modernizarem passam por inúmeras modificações em seu interior, o que marca a expansão de sua malha urbana, a diversificação de sua rede de prestação de serviços e comércios por conta do incremento de sua economia, o crescimento populacional, entre outros.

Tais mudanças, implicam na atração de pessoas para essas localidades o que, do ponto de vista social, marca o surgimento e intensificação de inúmeros problemas sociais.

A cidade do agronegócio funciona como um ímã populacional. Mas por que e quem atrai? Primeiramente é fundamental considerar, a questão midiática, que além de vender a ideia de que o agronegócio é tech-pop-tudo, exhibe inúmeras reportagens que exaltam o progresso, o desenvolvimento e a modernidade que vêm acompanhados de oportunidades de emprego com altos salários e consequentes excelentes índices de qualidade de vida, que servem como um “convite” à população para migrar para as cidades do agronegócio. [...] É a partir da atração e o intenso crescimento populacional sob essas condições, que as desigualdades socioespaciais se materializam no espaço urbano das cidades do agronegócio, uma vez que, a realidade não condiz com a fábula midiática do progresso e da modernidade, além do fato de que o mercado de trabalho tanto rural quanto urbano não consegue absorver toda a população atraída (SANTOS, 2018, p. 77- 78).

E ainda,

A partir do contexto da implantação do processo de modernização da agricultura, cidade e campo se modificaram. A cidade passou por modificações nas suas relações econômicas, crescimento populacional e expansão da área urbana. Significou, também, por outro lado, crescimento da demanda por equipamentos urbanos, das desigualdades e do número de excluídos urbanos (excluídos de condições dignas de moradia, emprego, alimentação, educação e lazer) (MELO, 2003, p. 135).

A reestruturação a que essas cidades passam garante, por um lado, sua modernização, enriquecimento de alguns grupos, mas também cria condições favoráveis ao surgimento e intensificação de problemas sociais das mais diferentes ordens, revelando “uma nova face da pobreza estrutural, apresentando as desigualdades socioespaciais como um de seus signos mais expressivos” (ELIAS, 2022, p. 149).

As cidades do agronegócio são tradicionalmente marcadas por uma grande circulação de capital. Consideradas até mesmo como cidades ricas, estas são como lócus de uma economia global, impactando e sendo impactadas por diferentes eventos que podem ocorrer na geopolítica



Contudo, cabe também destacar que estas são marcadas em seu interior por uma pobreza estrutural igual ou até mesmo superior ao que se vê nos grandes centros urbanos (ELIAS, 2022).

Por mais rentável que possa ser o agronegócio, tanto do ponto de vista rural quanto urbano, este ainda é um setor da economia que têm como característica uma grande circulação de capital e, extrema concentração de renda. É fato, que este gera muita riqueza (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017), no entanto, esta riqueza fica concentrada nas mãos de uma parcela limitada de pessoas, o que contradiz o discurso de que o agro traz oportunidades a todos.

Essa concentração de renda, conseqüentemente, é refletida no espaço dessas regiões de grande produção agrícola. Tendo em vista esta perspectiva, pensar em cidades do agronegócio é pensar na existência e construção de espaços urbanos extremamente heterogêneos, os quais são organizados de acordo com a renda dos indivíduos que o habitam.

Se a renda tem impactos sobre a construção do espaço urbano podemos acreditar que existem bolsões de concentração de renda dentro do urbano (SILVA, 2009), onde podem ser encontrados ambientes equipados e tecnificados e espaços vulneráveis e carentes, os quais podem ser identificados quando consideramos o padrão construtivo das residências, o valor do solo urbano, as implementações públicas dos bairros e até mesmo a renda dos grupos que habitam cada bairro.

Posto isso, as cidades do agronegócio acabam refletindo a;

[...] ausência ou insuficiência de infraestrutura social (creches, escolas, postos de saúde) nas áreas habitadas pela população de menor renda; surgimento de áreas de ocupação em situação de risco ambiental; favelização nos espaços destinados a usos institucionais e áreas verdes; disseminação de vazios urbanos promovendo a especulação imobiliária; loteamentos periféricos clandestinos desprovidos de infraestrutura; congestionamento nas áreas centrais por movimentação de carga e descarga, dentre outros (PEQUENO; ELIAS, 2007, p. 31).

Logo, fica evidente que as cidades do agronegócio são marcadas por contradições, as quais perpassam tanto o urbano quanto o rural, afetando a composição desse espaço e também a vida dos cidadãos. A análise e entendimento dessas contradições é necessária no sentido de se traçar bases que viabilizem a construção de um espaço urbano menos desigual e seletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já destacado nos estudos de Elias (2011; 2017) as cidades do agronegócio



se configuram enquanto ambientes em que existe uma grande concentração de riqueza e, ao mesmo tempo, extrema pobreza, a qual se mostra de forma visível na paisagem urbana desses locais. Tal fato, já observado e ressaltado por Elias (2011; 2017), é evidenciado ao considerarmos a paisagem da cidade de Jataí- GO, a qual se apresenta enquanto um ambiente extremamente heterogêneo, apresentando elementos que marcam a distribuição desigual e concentração de renda.

Partindo desta perspectiva, a realização deste estudo nos permitiu evidenciar e pontuar essa heterogeneidade, a qual se faz evidente no perfil arquitetônico das residências (Figura 1), na infraestrutura dos bairros, na disponibilidade de serviços públicos e até mesmo no marketing utilizado pelos comércios a fim de atrair o grupo a que se propõe atender (SILVA, 2009; OLIVEIRA, 2021).

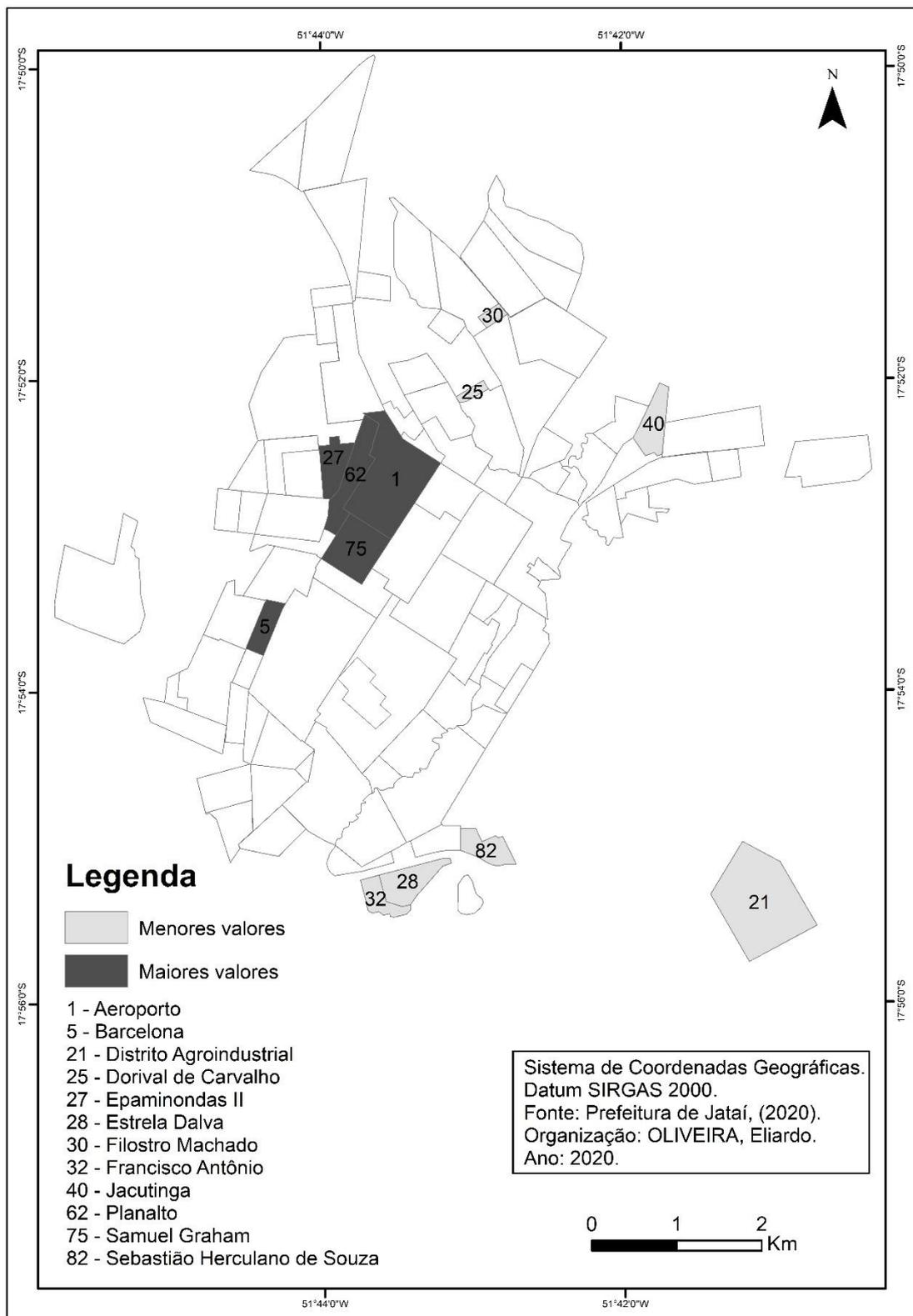
Figura 1- Jataí (GO): À esquerda residência de baixo padrão de um bairro periférico de Jataí; À direita residência de alto padrão em um bairro de população de médio/ alto poder aquisitivo.



Fonte: Souza, 2019.

Ao analisar e identificar esses ambientes distintos dentro do espaço urbano de Jataí, foi possível evidenciar que essas contradições se fazem presentes também no que tange o uso, ocupação e apropriação do solo urbano: os terrenos com maiores declividades e menores altitudes e, nesta lógica, que necessitam de um maior gasto para serem utilizados para construção civil possuem um valor inferior se comparados aos terrenos planos que se localizam nas porções mais altas da cidade que por serem mais caros, se destinam a população de maior renda, conforme já identificado por Oliveira (2021).

Mapa 2 – Jataí (GO): Destaque dos extremos do valor venal por m² do solo urbano em 2020.



Fonte: Oliveira, 2021.

Tabela 1 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores altitudes do urbano.

	Média de altitudes em metros			
	Maiores	Ranking	Menores	Ranking
Portal do Sol - Etapa 1	861,7	1º	-	-
Portal do Sol - Etapa 2	852,7	2º	-	-
Jardim Paraíso	828,9	3º	-	-
Colmeia Park II (Mauro Bento)	814,6	4º	-	-
Cidade Jardim II	807,1	5º	-	-
Sofia II	-	-	645,2	88º
Cordeiro	-	-	644,6	89º
Sofia III	-	-	644,4	90º
Estrela Dalva	-	-	643,3	91º
Francisco Antônio	-	-	635,2	92º

Fonte: Oliveira, 2021.

Partindo desta análise e tendo em conta como as cidades do agronegócio são produzidas, é possível notar que há uma concentração de renda nessas localidades, havendo também uma organização por parte do setor privado a fim de controlar o mercado imobiliário dentro dessas cidades, a qual reflete na produção de vazios urbanos, segregação e autosegregação urbana, e especulação imobiliária, a qual intencionalmente limita o acesso de diferentes grupos sociais a algumas localidades do urbano.

[...] as formas de moradia nas cidades do agronegócio revelam a presença espacialmente concentrada da produção conduzida pelo setor privado, reunindo incorporadores imobiliários e a construção civil em duas localizações: no Centro e nos bairros pericentrais, e ao longo de eixo de segregação, corroborando o papel estruturante do sistema viário no processo de segregação residencial (PEQUENO; ELIAS, 2020, p. 117).

Levando em conta a temática, Silva (2009), Souza (2019) e Oliveira (2021) fizeram pesquisas onde analisaram o valor venal do solo urbano de Jataí a fim de traçar comparativos entre o valor e o uso do solo urbano tendo como referência a renda. Como resultados, as pesquisas evidenciaram que os espaços melhores equipados além de serem mais caros abrigavam populações de maior poder aquisitivo, revelando que este espaço era concebido e ocupado tendo como fator determinante a renda de seus moradores.

Nisto, se a renda é responsável por transformar os espaços, entendemos que o mesmo se torna heterogêneo. Logo, os diferentes grupos que compõe o urbano nem sempre compartilham dos mesmos ambientes desse urbano, como é o caso dos locais de moradia.

Se vê que a renda é fator determinante para construção de diferentes ambientes no espaço urbano de Jataí, fazendo com que este espaço se torne extremamente contraditório e carregado de conflitos e vulnerabilidades quando consideramos as necessidades não atendidas das populações

de baixa renda. A presença de tais vulnerabilidades nas “cidades do agronegócio”, revelam que estas são cidades conflituosas e cheias de contradições, o que vem a contestar o discurso apregoadado acerca destas.

De acordo com Fioravanti (2018) como discurso exposto nesses ambientes é perceptível a ideia da presença de uma narrativa que exalta o pioneirismo heroico, que enfatiza a existência de muitas oportunidades e recursos a todos de modo indistinto (desde que esses indivíduos estejam dispostos a trabalhar). Tal discurso, é apregoadado em Jataí e, infelizmente, esconde a existência de “uma população pauperizada das próprias condições de sobrevivência” (FIORAVANTI, 2018, p. 316).

Desse modo, o que se observa é que Jataí trata-se de uma cidade dividida que se mostra extremamente heterogênea, marcada por diversas contradições as quais são fruto da distribuição desigual de renda, principalmente.

Nisto, nota-se que esta diferenciação sobre o urbano jataiense tem contribuído por efetivar espaços muito vulneráveis, afetando negativamente a vida dos cidadãos que habitam esses locais, sendo importante e necessário que projetos por parte do setor público reduzam esses índices de vulnerabilidade a fim de assegurar os direitos dessa população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jataí enquanto cidade do agronegócio tem se destacado ao longo dos anos por sua produção agrícola e, nesta lógica, pelos ganhos econômicos gerados a partir dessa produção. Entretanto, observa-se também que toda essa riqueza se concentra nas mãos de poucos indivíduos, o que reflete nas inúmeras contradições socioespaciais que se encontram no seu tecido urbano.

Tais contradições possuem relação direta com a concentração de renda, e afetam negativamente a construção do urbano que passa a ser totalmente desarticulado por conta da segregação, prejudicando a população mais carente. Diante disso, ações por parte do poder público são importantes no sentido de reduzir essa heterogeneidade e assegurar a todos os cidadãos seus direitos, reduzindo assim os índices de vulnerabilidade que se fazem tão presentes nestas localidades.

REFERÊNCIAS

CASTILLO ET AL. Regiões do agronegócio, novas relações campo- cidade e reestruturação urbana. **Revista da Anpege**, v. 12, n. 18, p. 265- 288, 2016.

ELIAS, D. PEQUENO, R. Desigualdades socioespaciais: nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 9, n. 1, p. 25-39, 2007.

ELIAS, D. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 153-167, 2011

ELIAS, D. Agronegócio globalizado: do campo a metrópole. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; Mattos, Regina Célia (Org.). **O espaço e a metropolização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 487-509.

ELIAS, D. Mitos e nós do agronegócio no Brasil. **Geousp**, v. 25, n. 2, e-182640, ago. p. 1-19, 2021.

ELIAS, D. Pensando a operacionalização de estudos sobre cidades do agronegócio. **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), v. 18, n. 1, p. 144-164, jan-jun. 2022

FIORAVANTI, L. M. **Do agronegócio à cidade como negócio: a urbanização de uma cidade mato-grossense sob a perspectiva da produção do espaço**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Geografia Humana. São Paulo, SP, 2018. 343 f.

FREDERICO, S. BUHLER, E. H. Capital financeiro e expansão da fronteira agrícola no oeste da Bahia. In: ALVES, V.E.L., **Modernização e Regionalização nos Cerrados no Centro-Norte do Brasil**, Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015, p.199-226.

GOMES, L. C. As cidades pequenas do agronegócio e seu papel na rede urbana regional: o caso de Santo Antônio do Amparo – MG. **Geofronter**, Campo Grande, n. 4, v. 2, p. 23-46. 2018

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio Pereira. Sociedade e economia do “agronegócio” no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25 n, 74, p. 159- 196, Out/2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. **Censo Agropecuário**, 2017.

MARTINS, Alécio Perini. Dos posseiros aos migrantes: formação territorial e econômica do município de Jataí/GO. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 15, n. 49, p. 90–103, Mar/2014.

MELO, Nágela Aparecida de. **Interação campo-cidade: a (re)organização sócio-espacial de Jataí no período de 1970 a 2000**. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2003.

SANTOS, Alexandre Eduardo. O agro tech-pop-tudo e as desigualdades socioespaciais em uma cidade do agronegócio no cerrado: Primavera do Leste-MT. **Revista Eletrônica Georaguaiá**. Barra do Garças-MT. V. 8, n.1, p. 71 – 84, 2018.

SILVA, Francis Borges da. **Seguindo o boi e descobrindo o território: reflexão socioterritorial da pecuária bovina no município de Jataí**. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós Graduação em Geografia, Jataí-GO. 2011.

SILVA, William Ferreira da. **Da agroindústria canavieira ao setor sucroenergético em Goiás: a questão técnico gerencial e as estratégias de controle fundiário**. 2016. 250 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás- Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Goiânia (GO), 2016.

SOUZA, G. V. A. Cidades do agronegócio: difusão do consumo produtivo para agricultura moderna no Matopiba. **Revista Pegada**, v. 20, n.2. p. 56- 87, 2019.

SOUZA, Natalli Adriane Rodrigues. **Violência em Jataí: uma análise do período de 2013 a 2017**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Jataí (GO), 2019.

OLIVEIRA, E. M. **OS RITMOS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE JATAÍ (GO): do Rural ao Urbano**. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Rondonópolis/ MT, Rondonópolis- MT, 2021.

SILVA, M. R. **Desvelando a cidade: segregação socioespacial em Jataí- GO**. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Goiás - Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Goiânia (GO), 2009.

**XV
ENAN
PEGE**

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

